

## O CONSTITUIR-SE DA FILOSOFIA, COMO METAFÍSICA, NO MUNDO GREGO E MEDIEVAL.

*Tiago Adão Lara\**

1 - A filosofia é uma produção cultural e a cultura só se explica enquanto expressão da totalidade da vida de um povo. A filosofia marcou-se, portanto, nas suas origens, pelas características do processo histórico do povo grego, do qual ela nasceu. Surpreendê-la, aí, significa dar-se a possibilidade de começar a entendê-la.

A característica fundamental da cultura helênica, aquela que a distinguiu das demais culturas da antigüidade, é que os gregos, por primeiro, desvincularam-se da mentalidade mítica e tentaram oferecer, da realidade, uma interpretação racional.

A atitude mítica esteve ligada a um tipo de convivência, assentada em pressupostos religiosos e em governo sacral. Aos deuses se atribuía a revelação das verdades fundamentais, suportes de toda inteligibilidade teórica e de toda legitimidade normativa. Ao príncipe se atribuía investidura divina na autoridade, de tal maneira que todas as demais pessoas se encontravam, diante dele, numa relação de dependência.

No mundo grego, pelo contrário, tentou-se uma convivência baseada na igualdade dos guerreiros que, em ondas sucessivas, a partir do início do segundo milênio até o século XII a.C., derramaram-se pela península balcânica e daí se espalharam pelas ilhas do mar Egeu, da Ásia Menor e por toda a orla do mar Mediterrâneo e do mar Negro. Nesse mundo grego, dividido geograficamente, mas culturalmente unido, surgiu a cidade-estado democrática.

Releva salientar que essa democracia grega é muito relativa. Iguais são os homens, não as mulheres; nem os escravos nem os homens pobres. No fundo tratava-se de uma aristocracia. De qualquer maneira, era uma novidade e um progresso, frente às monarquias antigas, nas quais as pessoas se encontravam em total dependência, diante de um único soberano de caráter sacro.

Para os iguais aristocratas gregos, a convivência social, as normas e as instituições foram sendo elaboradas, na consciência de seu caráter humano e laico. Daí a necessidade da procura de um consenso; e do critério para estabelecê-lo. A discussão na *ágora* (praça) tornou-se como que o lugar da gestação desse consenso. A coerência lógica ou racional, o critério que o possibilitava.

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da UFU.

A filosofia é, como afirma enfático Jean-Pierre Vernant, filha da *pólis* que possibilitou a discussão. E surge como interpretação racional, frente à interpretação fantástico-emotiva - a do mito - a qual favorecia a sociedade sacral.

Há uma maneira radical e simplista de marcar essa diferença. Atribui-se ao mito nenhuma racionalidade; atribui-se à filosofia racionalidade plena. Considera-se o mito falso; pensa-se a filosofia como portadora da verdade. Não se justifica, contudo, essa interpretação. A razão humana já atuava no mito, à procura da verdade. Os animais irracionais não criam mitos.

Mas o mito não se questionava, não estabelecia critérios conscientes da sua construção interpretativa. Fantasia e emoção eram impulsionadas pela urgência da construção de significados existenciais, para tudo o que desafiava o grupo. Daí o seu caráter anárquico, diríamos nós. Com a filosofia, a razão toma as rédeas do processo interpretativo. Imaginação e emoção não ficam alijadas, mas subordinadas ao critério da lucidez.

2 - A emergência dessa mudança epistemológica já se anunciava nos três filósofos de Mileto: Tales, Anaximandro e Anaxímenes; firmou-se na escola pitagórica, permeada da logicidade matemática; e explodiu, em plenitude de consciência, em Parmênides e Heráclito, pois ambos já explicitam o critério das suas construções teóricas. Parmênides distingue, e de maneira radical, o conhecimento que vem dos sentidos e aquele que brota da pura articulação racional. Heráclito tem clara a preeminência do *logos*.

A aristocracia grega, à medida, pois, que forjava cosmovisão diversa daquela fornecida por Homero e Hesíodo, forjava-lhe também instrumental apropriado: a filosofia. Substituiu esta a mitologia. Seria, porém, ingênuo pensar que se tratou de ruptura radical e completa. A filosofia grega trouxe, no rosto, os traços fisionômicos da mãe-mitologia e, além disso, a maioria do povo grego continuou, até o fim, a ver o mundo e a história pelos olhos do mito. Compreende-se, então, que, quando as cidades-estados perderam sua autonomia e quando o império romano deixou de subsistir, a filosofia se integrou num projeto religioso oriental (o projeto cristão) e tornou-se serva da teologia. É só a partir do Renascimento, continuando, aliás, processo iniciado na própria Idade Média, que a filosofia retomou seu projeto original e próprio.

As vicissitudes da filosofia no mundo grego e no mundo medieval explicam-nos, pois, o caráter metafísico que hegemonicamente dela se apoderou, bloqueando a outra perspectiva: a da dialética.

3 - Parmênides e Heráclito estão na origem de uma e de outra. Para Parmênides, a verdade está do lado da identidade; para Heráclito, ela está do lado da contradição.

A identidade é plenitude, fixidez, acabamento, perfeição, absolutidade. A contradição é, pelo contrário, incompletude, movimento, inacabamento, imperfeição, relatividade. Essas posições teóricas explodiram violentas, nos séculos V e IV a.C., no mundo grego, quando se tratou de tirar as conseqüências práticas que elas, de certa maneira, expressavam e reclamavam. Expressavam, pois foi a práxis social grega que permitiu fossem elas pensadas. E, uma vez pensadas e teorizadas, elas exigiam efetividade histórica consciente. A polêmica Sócrates-Sofistas, continuada depois em Platão e Aristóteles, elucida-nos o significado da disputa e revela-nos as exigências do pensar metafísico, com o qual a sofística era combatida.

#### 4 - Quem eram os sofistas? O que queriam? O que propunham?

Eram homens concebidos e gestados no ventre das cidades-estados, afeitos às disputas da *ágora*, conhecedores das múltiplas contradições que teciam a dinâmica social das várias cidades gregas, que eles conheciam, pelas quais viajavam e cujos valores tentaram explicitar. Essa imersão prática, no torvelinho da vida política, convenceu-os de que verdades e valores sociais faziam-se e refaziam-se ao sabor das contradições humanas, para satisfazer às suas exigências e responder aos seus desafios. Quando Protágoras, um deles, afirmou solene que o "homem é a medida de todas as coisas; das que são, na medida em que o são; das que não são, por isso mesmo que o não são", colocou-se no marco da atitude de Heráclito, para quem o devir é a realidade constante, reclama composição de tensões, harmonia de opostos, fluidez de vida. Os sofistas se propunham, pois, formar nova geração de políticos adestrados para essa concepção da realidade social, a qual exigia perspicácia lógica e habilidade retórica. Mas isso significava ameaça às instituições das cidades de cunho aristocrático, que sempre se ornaram de perenidade e estabilidade, firmadas em origens remotas, sacras e intocáveis.

No bojo da polêmica levantada, Sócrates emerge como árbitro maior da questão. Por tantos traços assemelha-se aos sofistas. Com eles, aliás, foi identificado. Na medida, porém, em que colocou o lastro sobre o qual Platão e Aristóteles puderam construir suas filosofias, Sócrates significou, na realidade, a superação da sofística, não só em tudo aquilo que ela possa ter tido de superficial e episódico, mas também naquilo que ela pode ter significado de tentativa de ruptura com as verdades feitas, e abertura para arejamentos desejáveis.

5 - No seu vagar filosófico pelas ruas e pelas praças de Atenas, convocava Sócrates, sobretudo os jovens, a se perguntar sobre o sentido da sua própria humanidade: *conhece-te a ti mesmo*, slogan da velha sabedoria helênica, tornava-se, através dele, uma convocação urgente à pesquisa radical.

Se o homem é a medida, ele deve conhecer-se bem. Ele deve possuir-se com segurança. Ele deve e pode. Deve porque pode.

Sócrates não se propõe a ensinar. Isso seria manter o velho esquema de uma verdade já possuída e pronta a ser transmitida; esquema que estabelece barreiras entre mestre e aluno e, com ela, a dominação de um sobre outro. Sócrates levou a fundo a experiência sofística. Se o homem é medida de tudo, cada homem deve ser medida também para o conhecimento dele mesmo. A reflexão leva-lo-á a desvendar o seu próprio ser. A reflexão não é, porém, um movimento de dobra narcisística do indivíduo sobre si. A experiência do humano faz-se na pólis, na convivência. A descida ao íntimo de si passa pela experiência do outro, no diálogo.

Também, aqui, Sócrates explora convicção que a sofística firmara, aquela do poder persuasório da palavra. Alertava, todavia, para a ambigüidade da mesma.

O homem - os homens em diálogo, sem barreiras que separam mestres e alunos - tem a capacidade de atingir o núcleo de si mesmo. No fim do caminho, que, através do diálogo com os outros, leva cada um ao centro de si próprio, Sócrates esperava que todos fizessem a experiência que ele fez, que todos encontrassem o que ele encontrou: o homem como racionalidade, revelada pelo *conceito*; o homem como liberdade, que o liga a *valores*.

A revelação da raiz do homem, perseguida até esse nível, expurgava a colocação sofística de qualquer veleidade subjetivista, mas incorria também no risco de tornar-se defesa do objetivismo sem mais. Procurando-se como medida, o homem se descobriu medido. De um lado, ele é realmente medida, pois inventa, cria, inicia todo um mundo novo de significações e de valores, que, sem ele, jamais existiriam. As ricas tradições e as variadas instituições das cidades-estados gregas o comprovavam. De outro lado, na raiz de si, sente-se o homem medido por algo que o transcende: o conceito não é pura construção da sua inteligência; o valor impõe-se à sua vontade, como norma a seguir-se.

Descobertas as raízes do ser humano, com o reconhecimento de sua especificidade como ser racional e livre, a reflexão filosófica sentia-se impulsionada a continuar o seu movimento de pesquisa, agora caracterizado como pergunta sobre o fundamento da racionalidade e da liberdade humanas, pois essas se apresentavam como finitas, limitadas, medidas, sem subsistência em si mesmas. Onde estará, então, o solo no qual se enraízam? De que mundo provêm essas normas da inteligência e da vontade?

Parece que Sócrates não vivenciou e não discutiu essa problemática, resultante lógica das suas descobertas. Coube a Platão e

a Aristóteles levarem avante a tarefa de explicitá-la e de tentar solucioná-la.

6 - Platão e Aristóteles revelaram-se fortemente marcados pelo impulso desencadeado por Parmênides e muito menos sensíveis às perspectivas de Heráclito. Ambos projetaram para além do processo cósmico e histórico o referencial último de toda realidade experimentada, de tal forma que, só nessa referência a algo transcendente, a realidade se explica; e encontra plenitude de sentido. O mito da caverna, com o qual Platão abre o 7º livro de *A república*, tipifica bem a posição dele.

Pede-nos ele para imaginarmos homens acorrentados no fundo de uma caverna, desde o nascimento, e capazes tão somente de contemplar as sombras de uns bonecos que, pela ação de foco luminoso, situado atrás deles, projetam-se na parede do fundo, segundo a ordem e o ritmo que as pessoas, as quais, escondidas, os manipulam, o desejarem. Algumas dessas pessoas emitirão sons ou falarão. Sons e palavras retornarão, como eco, aos ouvidos dos acorrentados. Estes estão convencidos que aquelas sombras vivem, falam e se movimentam. É o único mundo que conhecem.

Imaginemos, agora, diz Platão, que um desses prisioneiros seja libertado e obrigado a voltar-se para trás e fazer o caminho de subida para fora da caverna. Ele resistirá, porque a luz ferirá seus olhos. Mas, à medida que for se acostumando, perceberá, inicialmente, como os bonecos, cujas sombras via, são realidades mais consistentes e diferenciadas; e, fora da caverna, após doloroso e longo processo de adaptação, aprenderá a descobrir a realidade das coisas, das plantas, dos animais e dos astros; e, no fim do processo, estará apto a contemplar a luz do sol em si mesma. Só então perceberá que o responsável de toda visão, fora e dentro da caverna, é o sol. Não sentirá saudade do que, lá dentro, viveu. Terá vontade, isso sim, de voltar à caverna, para convencer a seus companheiros da verdade de que agora ele goza. E se o fizer, encontrará resistência, da parte dos companheiros. Dele zombarão ao perceberem que, no escuro, já não pode ele divisar bem as sombras. Crerão que ele ficou cego, na aventura perigosa. E até o agredirão, se ele tentar convencê-los de que é justamente o contrário que agora acontece: agora ele tem visão plena.

6.1 - O mito, ou melhor, a alegoria recorda a história de Sócrates, condenado e morto em Atenas. Marca a tarefa de cada filósofo, seus riscos e sua finalidade. Mas desvenda-nos também a estrutura mental que comanda o pensar platônico.

Ao explicar a alegoria, Platão diz claro que o fundo da caverna e tudo o que aí se vivencia é o mundo no qual vivem os seres humanos: o mundo físico ou material, mundo da multiplicidade, da mudança e da corrupção. As pessoas todas vivem, aí, acorrentadas. Apegam-se

às coisas como a verdades e bens absolutos. Somente aquele que tem a ousadia de ascender para o mundo das idéias puras, transcendentas a todo processo cósmico e histórico - o filósofo ou dialético como o chama Platão - somente esse percebe como toda a realidade física e histórica não passa de sombra, imitação, participação do mundo ideal. É no mundo ideal que se encontra a plenitude da realidade. Somente quem atinge o seu conhecimento fica de posse da chave interpretativa de tudo, adquire a ciência plena. As idéias são, pois, a realidade e a inteligibilidade plenas.

6.2 - Talvez seja bom voltarmos a acentuar que a interpretação platônica visa fundamentar, em bases sólidas, a ordem sócio-política da cidade, pois é isso que Platão procura em *A república*. Os sofistas tinham relativizado o conhecimento e, concomitantemente, os valores. Sua cruzada era um grito de libertação contra a imposição da tradição aristocrática, que se apresentava como verdade e valor absolutos e sacros. Os sofistas tentaram mostrar como essas realidades estão na dependência da criação humana e que, portanto, são revisíveis. Platão, que também critica e muito a tradição, quer, contudo, encontrar para o modelo de cidade, que ele propõe, um fundamento sólido, inabalável. Pensa, então, que a única norma sólida é a idéia.

6.3. Ajudar-nos-á a entender a posição platônica pensarmos um pouco no seguinte: qualquer produto artificial, qualquer artefato, antes de existir em concreto e fisicamente, existiu ideal ou mentalmente naquele que o concebeu. Antes de existirem aviões concretos, existiu, na inteligência de Santos Dumont, a idéia de avião. É segundo essa idéia que os aviões todos se fizeram. Os aviões concretos encarnam, realizam fisicamente uma verdade prévia da ordem ideal.

Não é preciso enfatizar a importância das idéias humanas para a existência dos artefatos. Sem elas, esses não existem. Pode-se concluir, pois, que todo artefato é composto de idéia (humana) e matéria (natural). Todo artefato é materialização de idéia.

6.4 - Platão transporta essa constatação para o mundo natural. Tudo que existe, fisicamente, diz Platão, é realização de uma idéia, é sua materialização. Como, porém, se trata de produto natural, essa idéia não é produção humana, mas transcende a inteligência do ser humano, uma vez que o próprio homem concreto é materialização da idéia de homem. As idéias existem, portanto. São superiores e transcendentas às pessoas e às coisas. Estas delas dependem.

Só os filósofos percebem isso. Só eles conseguem sair do fundo da caverna, dessa prisão na qual todas as pessoas vivem acorrentadas, pelas sensações. O filósofo, pelo contrário, se apercebe de que cada ser material realiza em si uma idéia. Assim, os homens realizam a idéia de homem; os animais a idéia de animal; as árvores a idéia de árvore e

assim por diante. Existem idéias variadas de acordo com a variedade das espécies diversas de seres.

O conhecimento comum fica preocupado com aquilo que os sentidos nos fazem perceber nas coisas: cores, sons, odores, resistência, tamanho etc. O conhecimento rico, pleno, científico (e para Platão a ciência plena é a filosofia) se preocupa, pelo contrário, com as idéias que os seres físicos realizam. Só quando atingimos a idéia é que entendemos *o que a coisa é*. A filosofia é, pois, esforço para atingirmos a idéia dos fenômenos, com o que responderemos à pergunta: o que é isso? Como a idéia não é algo físico, está para além do físico e é superior a ele, porque o determina, essa atitude foi chamada mais tarde metafísica.

Com essa afirmação Platão não nega a importância do conhecimento das características sensíveis e materiais das coisas. Muito pelo contrário. Mas ele afirma que esse conhecimento não pode dar-nos garantia de verdades absolutas. A cor, o tamanho, o sabor, o cheiro das coisas variam, ao longo do espaço e do tempo; e são percebidos diversamente por vários sujeitos. Baseados neles não podemos construir conhecimento necessário e universal (científico). Ora, para a convivência social não ruir num caos, onde cada um faz o que pensa ou quer, temos de encontrar um tipo de conhecimento que nos revele valores de caráter absoluto. E é a filosofia que vai nos dar esse conhecimento, pois só ela nos leva à contemplação da idéia em si. As idéias são, pois, a inteligibilidade em si. Mas Platão as pensa como *um mundo*, isto é, como idéias articuladas, de tal maneira que constituem uma organização, à guisa de pirâmide, em cujo vértice está a *idéia do bem e do belo*. Quando atingimos essa, tudo se esclarece. Mas, para isso, temos de fazer um longo caminho, um longo processo de raciocínio, de subida intelectual. Esse caminhar longo, penoso e lógico Platão chama dialética. A dialética, em Platão, é, pois, instrumento para a visão metafísica da realidade. Em Platão, metafísica e dialética não se contrapõem mas compõem-se.

7 - Aristóteles criticou muito a Platão por ter criado um mundo separado de idéias, para explicar o mundo físico, mas continuou ligado à sua estrutura básica de explicação do real. A doutrina fundamental de Aristóteles é o que se chamou *hilemorfismo*, palavra composta de duas outras palavras gregas: hylé = matéria e morphé = forma. Aristóteles afirma que todo corpo (todo ser físico) é composto de matéria e forma. A forma é o elemento ou princípio que especifica o corpo. Algo é corpo humano porque tem forma humana. A matéria é que individuala. João e Henrique são homens diversos, porque a mesma forma humana é concretamente recebida em quantidades (matérias) diversas.

É preciso estarmos atentos ao fato de que essa forma de que fala Aristóteles não é a forma física, pois João e Henrique têm formas físicas diversas. A fotografia de um não serve para a carteira de

identidade do outro. A forma a que se refere Aristóteles, aqui, é a forma metafísica. É aquilo que faz com que João e Henrique, de formas físicas diversas, sejam, no entanto, a mesma espécie de ser: pessoas humanas.

Vê-se, por aí, que Aristóteles não está longe de Platão. A idéia - o metafísico - está comandando a constituição e a inteligibilidade do físico. Além disso, quando Aristóteles quer explicar a origem de todo o movimento, no universo, afirma ele que essa origem está para além do plano físico, naquilo que ele chamou *primeiro motor imóvel*, idéia ou forma ou ato puro, pensamento de pensamento. Novamente Aristóteles platoniza.

É por isso que ele vai ser teorizador da metafísica, quando, nos livros que mais tarde foram chamados de metafísicos, ele afirma que a *filosofia primeira* é o estudo do ato puro, é, pois, teologia; ou é também estudo das formas puras, ou essências (ontologia).

8 - Muitas discussões poderiam se levantar a respeito desse constituir da filosofia como conhecimento das essências, das formas. Queremos enfatizar apenas o seguinte: essa perspectiva de abordagem intelectual do real leva-nos à concepção de que: 1) no fluir dos acontecimentos, dos fenômenos, algo permanece como estável: a idéia (essência) que esses fenômenos realizam; 2) a ciência por excelência é aquela que se preocupa com as idéias (essências) dos fenômenos; 3) o conhecimento das idéias (essências) constitui base sólida para constituição de um conhecimento acabado (ou ao menos acabável) definitivo, pronto, a respeito dos fenômenos, mesmo quando esses se mudam acidentalmente; 4) esse conhecimento é sumamente importante para fundamentar os valores ético-políticos, pois, assim, a vida em sociedade não corre o risco da instabilidade; 5) os sofistas diziam que tudo era relativo, porque não chegavam a conhecer a idéia (essência) dos fenômenos. Ficavam nas aparências; 6) a sociedade tem, pois, de ser governada por filósofos, não por retóricos ou seja lá o que for.

9 - A filosofia se constituiu em Platão e Aristóteles como metafísica, conhecimento das essências (idéias), conhecimento acabado, conhecimento de valor absoluto, porque baseada em alguns pressupostos importantes. O primeiro deles já explicitamos acima, ao afirmarmos que o real é constituído de dois elementos distintos que, de uma forma ou de outra (diversa em Platão e Aristóteles), se relacionam: a *idéia* e a *matéria*. O segundo pressuposto é aquele da inteligência humana como faculdade intuitiva do real. A inteligência vê o real transfenomênico (essência), mesmo se, para isso, devam preceder condições, por exemplo as sensações. Mas o ato de intuir (conhecer intelectualmente) ultrapassa os dados sensíveis, enquanto colhe algo real, mas não sensível. O conhecimento intelectual é, pois, objetivo. Colhe a essência. Essa, como dirão os



escolásticos, na Idade Média, mede o intelecto, ou seja, impõe-se ao intelecto.

Conhecer, em última análise, para Platão e Aristóteles, é contemplação.

10 - No mundo grego, essa mentalidade foi aceita por muitos, mas também contestada, mesmo no período clássico.

No contato com a mentalidade oriental, por obra das conquistas de Alexandre e, posteriormente, no contato com o mundo romano, a filosofia entrou numa fase de experiências novas, aquelas que a configuraram como esforço de equilíbrio pessoal, sabedoria existencial, resposta à carência de sentido de viver.

No momento, porém, em que o Cristianismo se impôs, como solução para reorganizar a Europa, a filosofia platônica tornou-se o instrumental próprio para veicular as verdades reveladas. Filosofia e revelação se casaram, na teologia patrística e, principalmente, na escolástica, reforçando-se, mutuamente, em tudo aquilo que diz respeito ao caráter dogmático da religião e metafísico da filosofia. O mundo ideal de Platão tornou-se mais inteligível para os pensadores cristãos. É a própria inteligência divina, aliás, é o Verbo de Deus, segundo o qual "tudo foi feito e sem ele nada foi feito de tudo o que existe" (Jo 1,3).

Para a escolástica tornou-se tese clássica a que afirma ser a ciência (filosofia) possível, porque, pela inteligência, o ser humano pode ultrapassar os dados sensíveis (fenômenos) e atingir as essências, segundo as quais as coisas são feitas. Essas essências participam do mundo divino, são o pensamento, com o qual o Criador pensa a criatura e a realiza. Pode-se falar, então, em *um universal* (idéia-essência) *antes das coisas*, que está em Deus; *um universal* materializado *nas coisas* existentes; *um universal depois das coisas*, ou seja, a idéia ou o conceito, na inteligência do sujeito humano cognoscente. Esse último é medido pelo segundo, o qual, por sua vez, é medido pelo primeiro.

11 - Essa visão de ciência (filosofia) dava ao clero - no qual se encontravam os intelectuais da época - a possibilidade de articular racionalmente a mensagem religiosa e apresentá-la como a única visão válida. A mentalidade de que a perfeição do saber dá-se justamente quando se ultrapassa o aqui e agora do processo histórico e se atinge o além do mundo essencial (ideal), alheio às vicissitudes do tempo e do espaço, é o que se chama atitude metafísica. Ela é muito propícia aos dogmatismos e aos autoritarismos, por parte daqueles que se consideram capazes de escalar a estrada que os conduz para fora da caverna, onde continua a jazer o comum dos mortais.

A atitude metafísica continuou hegemônica no Ocidente, apesar das contestações (mesmo na Idade Média) ainda quando, na Idade Moderna, a cultura se laicizou. Mesmo quando Deus pessoal, criador e transcendente não é mais invocado, continuou presente uma transcendência, agora encamada na Razão, grafada com maiúscula.

## BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Coord. Alfredo Bosi. São Paulo, Mestre Jou, 1970, verbete metafísica.

ARISTÓTELES. *Metafísica de Aristóteles*. Edición trilingüe, 2 ed. 1-reimp. Madrid, Gredos S.A., 1987.

BOEHNER, Philotheus e Gilson Étienne. *História da filosofia cristã*. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis, Vozes, 1982.

CORNFORD, F. M. *Principium sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego*. Trad. Maria Manuela Rocheta dos Santos. 2 ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

JAEGER, Wener. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira, São Paulo, Martins Fontes, 1979.

JEAUNEAU, Edouard. *A filosofia medieval*. Trad. João Afonso dos Santos. Lisboa, Edições 70, 1980 (Biblioteca Básica de Filosofia).

KOYRÉ, Alexandre. *Introdução à leitura de Platão*. Trad. Helder Godinho. 2 ed., Lisboa, Editorial Presença, 1984.

MAIRE, Gaston. *Platão*. Trad. Rui Pacheco, Lisboa, Edições 70, 1980. (Col. Biblioteca Básica de Filosofia).

MORRALL, John B. *Aristóteles*. Trad. Sérgio Duarte. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1981.

PLATÃO. *A república - livro VII*. Trad. Elza Moreira Marcelina. Comentários de Bernard Piettre. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1985.

ROSS, Sir David. *Aristóteles*. Trad. Luís Filipe Bragança S.S. Teixeira. Lisboa, Publicações D.Quixote, 1987.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Trad. Isis Borges B.da Fonseca. 2 ed. corrigida. Rio de Janeiro-São Paulo, Difel, 1977.